

A RELIGIÃO E A HISTÓRIA:
CONSIDERAÇÕES EM TORNO DO ÚLTIMO
NÚMERO TEMÁTICO DE *HISTORY AND THEORY* *

ANA CLÁUDIA VICENTE **

Em processo de investigação sobre uma instituição religiosa portuguesa, tomámos contacto com o editorial e oito ensaios que compõem a publicação citada em epígrafe. Publicada pela Wesleyan University ¹, a revista *History and Theory* ² dedicou recentemente à reflexão sobre o lugar da Religião na História um número temático. A multiplicidade de perspectivas da academia norte-americana sobre a ancestral relação entre Religião e História, dois universos conceptuais milenares e em constante mutação, enriqueceu de maneira decisiva a problematização em torno do nosso objecto de estudo. Coordenada por David Shaw ³, esta última edição de

* *HISTORY and Theory. Studies in the Philosophy of History. Theme Issue 45: Religion and History.* Ed. de David Gary Shaw. Middletown [CT, USA]: Wesleyan University / Blackwell Publishing, Dezembro de 2006. Acessível em: <http://www.historyandtheory.org/archives/archives9.html#dec06>.

** Mestre em História Social Contemporânea. Membro do CEHR.

¹ Esta instituição foi criada em 1831, por líderes religiosos de denominação Metodista. É, desde 1937, estabelecimento de ensino superior independente da mesma. Destacou-se internacionalmente desde o último quartel de oitocentos pela aplicação pioneira de princípios co-educativos, bem como, no pós-Segunda Guerra Mundial, pelo desenvolvimento de estudos humanísticos interdisciplinares avançados.

² Tal periódico académico é publicado desde 1960. Cada volume anual compreende quatro números, sendo o último dos mesmos, por regra, temático. Publica resenhas, artigos e sinopses concernentes a Filosofia Crítica e Especulativa da História; Historiografia; Metodologia Histórica e Teoria Crítica da História. É presentemente seu Editor Executivo o Professor Doutor Brian Fay.

³ David Gary Shaw é actualmente Editor Associado da revista *History and Theory*. Doutorou-se pela Universidade de Oxford, lecciona na Wesleyan University, e investiga na área de História Religiosa Medieval Britânica.

2006 oferece contributos de assinalável valia para o debate dos pressupostos epistemológicos que escoram o trabalho de investigação contemporâneo. Sobre tais contributos, reunidos sob título homónimo da conferência ocorrida em Novembro de 2005 naquela mesma universidade, aqui deixamos síntese e algumas considerações.

A edição em análise, ainda que respeitante ao domínio específico da ciência histórica, não pode ser dissociada da mais ampla discussão que o fenómeno religioso tem merecido nestes primeiros anos do novo século; ela reflecte a permanente necessidade de actualização da disciplina, não sendo alheia à conjuntural exposição pública (decorrente das solicitações mediáticas com vista interpretação crítica e contextual dos acontecimentos) que os seus profissionais crescentemente experienciam. Em artigo editorial ⁴, Shaw sistematiza as grandes linhas de argumentação presentes na quadragésima quinta edição temática da revista. Após enunciar a perspectiva de que a relação entre raconto sagrado e crónica dos feitos humanos remonta aos alvares do registo escrito, nomeadamente às tradições vetero-testamentária e greco-romana, o autor destaca aquela que considera ser a mais estimulante e singular das teses insertas, da autoria de Constantin Fasolt ⁵, tese essa questionada no mesmo número por Mark Cladis ⁶. O ensaio de Constantin Fasolt visa clarificar a relação entre História e Religião na contemporaneidade. Está estruturado em três momentos, sendo primeiro aquele em que o autor aduz e adopta a perspectiva veiculada por Ludwig Wittgenstein nas suas *Investigações Filosóficas*, questionando a enunciação diferenciada (e radical) entre a primeira e terceira pessoas. Em segundo lugar, considera função central da religião a mitigação desse abismo cartesiano entre o indivíduo e o que lhe é extrínseco. Por fim, afirma que a prática religiosa no seio das confissões tradicionais, com seus rituais e concepções, preencheu as aspirações humanas no passado, mas não as preenche plenamente no presente. Em consequência, o autor identifica a progressiva atenção ao estudo do passado com a necessidade de realização e entendimento do indivíduo no seio da sociedade a que pertence. Logo, com a progressiva deslocação dessa função religiosa para outro campo da experiência

⁴ SHAW, David Gary – Modernity between us and them: The place of religion within History. *History and Theory. Studies in the Philosophy of History*. 45: 4 (2006) 1-9.

⁵ FASOLT, Constantin – History and Religion in the Modern Age. *History and Theory. Studies in the Philosophy of History*. 45: 4 (2006) 10-26. O autor é doutorado pela Universidade de Columbia e lecciona na Universidade de Chicago, onde é membro efectivo do departamento de História. Dedicou-se à investigação nas áreas de História Tardo-Medieval e Moderna Europeia, Reforma Cristã, e à Teoria da História.

⁶ CLADIS, Mark S. – Modernity in Religion: A Response to Constantin Fasolt's "History and Religion in the Modern Age". *History and Theory. Studies in the Philosophy of History*. 45: 4 (2006) 93-103. Doutorou-se pela Universidade de Princeton, este autor é professor na Universidade de Brown. Ensina e investiga sobre as raízes religiosas do pensamento demo-liberal, bem como sobre as relações entre religião e ambientalismo.

humana – a escrita e leitura da História. Não rejeitando a perspectiva wittgensteiniana que subjaz ao ensaio de Fasolt, Mark Cladis contraria, porém, as premissas que o autor apresenta, relativizando esse olhar a História como novo ritual (para o leitor) e novo sacerdócio (para o autor). Cladis considera incorrecta a apreciação de Fasolt sobre as confissões tradicionais (apodando de “romântica” a caracterização das mesmas como plenamente eficazes no cumprimento da função redentora do indivíduo no passado, bem como de “pessimista” o julgamento destas como obsoletas ou ineficazes no presente), e demasiado vaga – logo, pouco operativa para o investigador – a conceptualização apresentada de categorias como alienação, salvação, religião ou história.

Sobre as consequências do pensamento (menos recente mas não menos relevante) que concebe a historiografia como mester diametral e ontologicamente oposto à religião, devedor da dialéctica hegeliana e marxista, debruçam-se três dos restantes seis ensaios. De acordo com os seus autores, e nas palavras do editor, tal “invenção da modernidade”⁷ é responsável por inúmeros erros e anacronismos interpretativos. C. T. McIntire⁸ atenta na mutação operada no domínio da linguagem, sustentando que, desde o passado século, e a partir da discursividade dominante nos meios académicos e nos meios de comunicação, “história” e “religião” se tornaram binómio conceptual dicotómico usado na vez de “não-religioso” e “religioso”, mas também de “temporal” e “espiritual”, “científico” e “teológico”, “objectivo” e “subjectivo”, “racional e emocional”, “antigo” e “moderno”. O uso reiterado desta dicotomia, defende McIntire, não só tem gerado reacções negativas à disciplina por parte de comunidades crentes, como é sintoma de uma abordagem científica que negligencia a permanência e reavivamento do fenómeno religioso no presente século.

Tome-se o exemplo do caso abordado por Gregory White⁹, relativo aos escolhos que nas últimas cinco décadas se apresentaram à historiografia dedicada ao Hinduísmo. Segundo o autor, nem o aparato conceptual inerente à historiografia religiosa norte-americana nem a abordagem da academia nacionalista hindu – colonial e pós-colonial – conseguiram tratar satisfatoriamente o complexo histórico-religioso que gerou o Hinduísmo contemporâneo. O nacionalismo hindu

⁷ SHAW, David Gary – *Modernity between us and them*, p. 1.

⁸ MCINTIRE, C. Thomas – *Transcending Dichotomies in History and Religion. History and Theory. Studies in the Philosophy of History*. 45: 4 (2006) 80-92. McIntire doutorou-se pela Universidade de Pennsylvania e é actualmente professor na Universidade de Toronto, dedicando-se à investigação em História Religiosa do Novo Mundo e em Historiografia Religiosa.

⁹ WHITE, David Gordon – *Digging Wells While Houses Burn? Writing Histories of Hinduism in a Time of Identity Politics. History and Theory. Studies in the Philosophy of History*. 45: 4 (2006) 104-131. Doutorou-se pela Universidade de Chicago, lecciona na Universidade Santa Bárbara (Califórnia) e tem por áreas de investigação a História Religiosa e História das Ciências na Ásia.

ignora, sobretudo até às invasões turcas ocorridas no séc. XI, a possibilidade de mutação e recomposição social naquela que é tida como a idade de ouro Védica, e considera os instrumentos conceptuais ocidentais estranhos e inadequados ao conhecimento das civilizações do Indo. Os historiadores ocidentais, por sua vez, negligenciam o contexto de criação da documentação que estudam. White sugere, em conclusão, um conjunto de estratégias de superação destes problemas, com especial enfoque sobre o recurso a documentação não-escrita e ao aprofundamento dos estudos acerca das diversas tradições regionais.

A polémica questão relativa à coexistência de abordagens confessionais e não-confessionais ao fenómeno religioso é tratada por Brad Gregory ¹⁰. O autor rejeita a ideia, também ela dominante no último século, da preeminência dos estudos levados a cabo por investigadores não-religiosos (ou anti-religiosos), apontando a transposição de um metafisismo naturalista, bem como de um reducionismo e ceticismo epistemológicos, para a observação de conceitos, rituais e atitudes dos praticantes de crenças religiosas. Tais preconceitos – nos antípodas do viés confessional existente em séculos anteriores – são claramente expressos na obra de Émile Durkheim, e mais recentemente nas obras de Clifford Geertz e Michel Foucault. Este fenómeno não configura, pois, para Gregory, a emergência novecentista de uma neutralidade científica na análise da religião. Tal neutralidade – conceito liminarmente rejeitado, neste mesmo número, por Shaw ¹¹ – apenas poderá emergir, diz, por uma terceira via: a da consciencialização e expressão, por parte de cada investigador, dos seus preconceitos e limitações.

De acordo com Jon Butler ¹², o meio historiográfico norte-americano é pouco predisposto à teorização. Aquele destaca a historiografia religiosa como campo particularmente representativo dessa postura, considerando predominante a narrativa clássica. Ora, para o autor, a explicação ou sequer descrição da religiosidade urbana e contemporânea estado-unidense é impossível por esse meio. As transformações, resistências e peculiaridades observadas exigem recurso a um quadro conceptual que, antes de mais, repense os próprios conceitos de religião, secularidade, ou contemporaneidade. Catherine Bell ¹³ identifica as limitações desse

¹⁰ GREGORY, Brad S. – The Other Confessional History: On Secular Bias in the Study of Religion. *History and Theory. Studies in the Philosophy of History*. 45: 4 (2006) 131-149. O autor é doutorado pela Universidade de Princeton e lecciona na Universidade Católica de Notre Dame (Indiana); tem por foco de investigação a História do Cristianismo europeu à época da Reforma.

¹¹ SHAW, David Gary – Modernity between us and them, p. 3.

¹² BUTLER, Jon – Theory and God in Gotham. *History and Theory. Studies in the Philosophy of History*. 45: 4 (2006) 47-71. Doutorada pela Universidade do Minnesota, Butler é professor na Universidade de Yale. Investiga desde a década de 70 do século XX História Colonial e Religiosa Americanas.

¹³ BELL, Catherine M. – Paradigms Behind (and Before) the Modern Concept of

mesmo paradigma descritivo e explicativo no trabalho historiográfico ocidental sobre realidades culturais de tradição díspar. Propondo uma genealogia do conceito de religião no quadro euro-americano, faz uma apreciação crítica da aplicação da matriz cristã a realidades que a ela se não conformam. Dada a carência de modelos teóricos que permitam uma aproximação a essas realidades, o ensaio de James Ketelaar¹⁴ chama a atenção para a emergência de novas soluções, muitas delas transdisciplinares, nomeadamente na análise do Budismo japonês tardo-oitocentista. Os recentes estudos acerca do Buda histórico expõem, contudo, alguma hesitação entre a aplicação de categorias historiográficas “modernas” e “não-modernas”.

Como têm, pois, historiadores e outros cientistas sociais, pensado a religião? Segundo os contributos presentes nesta publicação, os investigadores têm frequentemente ignorado a religião como fenómeno historicamente durável, dúctil e vivo, dados os processos de secularização vividos no Ocidente entre os sécs. XIX e XX. Importa pois, na actualidade, criar figurinos teóricos que permitam superar os erros e limitações diagnosticadas.

Religion. *History and Theory. Studies in the Philosophy of History*. 45: 4 (2006) 27-46. Doutorada pela Universidade de Chicago e professora associada da Universidade de Santa Clara (Califórnia), dedica-se à investigação sobre História Religiosa Asiática, em particular sobre o Budismo.

¹⁴ KETELAAR, James E. – The Non-modern Confronts the Modern: Dating the Buddha in Japan. *History and Theory. Studies in the Philosophy of History*. 45: 4 (2006) 62-79. O autor deste ensaio é doutorado pela universidade de Chicago, onde lecciona. Investiga História Cultural e Religiosa do Japão.